

# NEOINDUSTRIALIZAÇÃO

## BRASILEIRA



Blucher

# Neoindustrialização brasileira

*CONSELHO EDITORIAL*

André Luiz V. da Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon De Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luís Augusto Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

**Blucher**

# Neoindustrialização brasileira

Sérgio Roberto Knorr Velho

*organizador*

*Neoindustrialização brasileira*

© 2024 Sérgio Roberto Knorr Velho (organizador)

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Ariana Corrêa

*Preparação de texto* Mariana Góis

*Diagramação* Alessandra de Proença

*Revisão de texto* Maurício Katayama

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Ciro Fernandes

# Blucher

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Neoindustrialização brasileira / organizado por Sérgio Roberto Knorr Velho. – São Paulo: Blucher, 2024.  
352 p.; il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2290-3

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

1. Industrialização. 2. Política industrial – Brasil I. Velho, Sérgio Roberto Knorr

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

24-3587

CDD 338

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:  
1. Indústria

*[...] existe, no Brasil de hoje, uma espécie de ojeriza, de repúdio a pensar sistematicamente as coisas, a ter um pensamento globalizante. A hegemonia do pensamento neoclássico, neoliberal acabou com a possibilidade de pensarmos um projeto nacional; em planejamento governamental, então, nem se fala... O Brasil precisa se pensar de novo, partir para uma verdadeira reconstrução. Para mim, o que preza é a política. Essa coisa microeconômica é um disparate completo, mas é a doutrina que prevalece no mundo e no Brasil. Não espero que haja o milagre da superação desse pensamento pequeno, pois hoje em dia não tem ninguém que lidere essa luta ideológica. Todo mundo foge dessa confrontação ideológica. Planejar o presente e o futuro do país passou a ser coisa do passado. Como você pode dirigir uma sociedade sem saber para onde vai? O mercado é quem decide tudo. O país passou a ser visto como uma empresa.*

*Isso é um absurdo... Hoje, ignora-se a política, a macroeconomia é usada para suavizar o mercado. A política passa a não ter nada a ver com a economia, separa-se uma coisa da outra e isto leva à situação que temos... O Brasil acumulou muito atraso, e esse atraso deveu-se à falta de política... Se existisse somente uma intervenção positiva, seria a intervenção do Estado no sentido de aumentar os investimentos, de forçar a sociedade a investir mais. O desenvolvimento é uma construção da sociedade, mas é preciso que ela tenha vontade de fazê-lo...*

Celso Furtado, na mesa-redonda sobre Diálogo Social e Desenvolvimento do CDES, realizada em Brasília em agosto de 2004, três meses antes de seu falecimento.

# Conteúdo

Sobre os autores.....	11
Prefácio .....	17
Introdução .....	21
1. Desindustrialização internacional comparada e o caso crítico do Brasil .....	31
<i>Paulo César Morceiro</i>	
<i>Milene Simone Tessarin</i>	
2. Do desenvolvimentismo à desindustrialização: Brasil, 1930–2022 .....	75
<i>Pedro Cezar Dutra Fonseca</i>	
<i>Adalmir Antonio Marquetti</i>	
3. O caminho tortuoso da política industrial brasileira no século XXI .....	99
<i>Jackson De Toni</i>	
<i>Verena Hitner Barros</i>	
4. Divagações sobre a indústria e a reindustrialização.....	135
<i>Luiz Gonzaga Belluzzo</i>	

5. Administrar a taxa de câmbio para voltar a crescer..... 147  
*Luiz Carlos Bresser-Pereira*
6. Política industrial e neoindustrialização brasileira:  
os limites a partir da doença brasileira ..... 159  
*Antonio Carlos Diegues*
7. Políticas orientadas por missão: contexto  
internacional, experiência brasileira e lições para a  
agenda de neoindustrialização ..... 179  
*Caetano C. R. Penna*
8. Neoindustrialização, políticas orientadas por missões  
e compras públicas de inovação no Brasil .....209  
*Celso Pansera*  
*Hudson Mendonça*
9. Ciência, tecnologia e inovação como elementos  
centrais de uma política de (neo)industrialização ..... 225  
*Tatiana Farah de Mello Cauville*
10. O novo ciclo de industrialização..... 245  
*Mario Bernardini*
11. Proposta de um Plano Nacional de Desenvolvimento  
para o Brasil: integrando missões econômicas, sociais  
e ambientais ..... 255  
*André Nassif*  
*Paulo César Morceiro*
12. A transformação ecológica brasileira .....279  
*Cristina Froes de Borja Reis*  
*Rafael Dubeux*

13. O papel do BNDES no contexto da nova política industrial..... 293  
*José Luis Gordon*  
*João Paulo Pieroni*
14. Análise das condições estabelecidas para a neoindustrialização brasileira ..... 325  
*Coletivo Reindustrialização*

## Sobre os autores

**Adalmir Antonio Marquetti** é professor do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pesquisador do CNPq.

**André Nassif** é professor associado do Departamento de Economia e do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua pesquisa acadêmica concentra-se em Macroeconomia, Desenvolvimento Econômico e Economia Internacional. Doutor em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2003), mestre em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 1995) e com pós-graduação lato sensu em Políticas Públicas pelo Ilpes-Cepal (Santiago do Chile, 1991). Economista aposentado do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), foi professor visitante do Departamento de Economia da Università degli Studi dell’Insubria (Itália), em 2012, e do Departamento de Desenvolvimento Internacional do King’s College London (Reino Unido), em 2023. É consultor de instituições nacionais e estrangeiras, com artigos publicados em livros e revistas acadêmicas brasileiras e internacionais. Autor do livro *Desenvolvimento e estagnação: o debate entre desenvolvimentistas e liberais neoclássicos* (Contracorrente, 2023).

**Antonio Carlos Diegues** é professor livre docente do Instituto de Economia da Unicamp, onde é coordenador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia. Foi Visiting Scholar na Fudan University (Shanghai, China) em 2024, com o projeto “Industry’s contribution to development”.

**Caetano C. R. Penna** é diretor do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), um *think tank* que assessora o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil. Atualmente licenciado do cargo de professor adjunto na

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é pesquisador visitante na TU Delft, na Holanda. Seu trabalho foca na economia e políticas da indústria, tecnologia e inovação, particularmente em áreas relacionadas a políticas transformadoras e orientadas por missões, sustentabilidade, financiamento da inovação e geopolítica da mudança tecnológica. Contribui com sua *expertise* como especialista independente em financiamento e sinergias entre instrumentos no Exercício de Aprendizagem Mútua do Horizonte Europa sobre Implementação das Missões da UE em Nível Nacional.

**Celso Pansera** é presidente da Finep, formado em Letras Português/Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-graduado em Administração e Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes. Foi ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação (2015–2016), destacando-se pela implementação do Marco Legal de CT&I. Atuou como deputado federal (2015–2019), presidindo a Comissão Especial de Crise Hídrica, e integrou a Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados. Foi presidente da Fundação de Apoio as Escolas Técnicas (Faetec/RJ) e do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM).

**Cristina Froes de Borja Reis** é subsecretária de Desenvolvimento Econômico Sustentável da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, cedida do cargo de professora adjunta da Universidade Federal do ABC. Possui graduação (2003) em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado (2008) e doutorado (2013) em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorado-sanduiche na Universidade de Cambridge – UK (2010/2011), pós-doutorado na Universidade Técnica de Berlim/International Post-Doc Initiative/Marie Curie Actions. Tem experiência na área de Desenvolvimento, atuando principalmente nos temas de cadeias globais de valor, Agenda 2030, investimento público, estrutura produtiva, comércio internacional e economia política mundial. Coorganizadora dos livros *South-North Dialogues on Democracy, Development and Sustainability* (Routledge, 2023) e *Desafios do desenvolvimento brasileiro pós-covid-19* (Editora Pedro e João, 2022).

**Hudson Mendonça** é economista pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Engenharia de Produção com ênfase em Gestão e Inovação pela COPPE/UFRJ, e doutorando em Administração no IAG PUC-Rio. Ocupou cargos como secretário executivo adjunto do MCTI, superintendente da regional de São Paulo da Finep, e gerente de vários

departamentos na Finep, além de ser secretário técnico do Fundo Setorial de Energia. Foi diretor-presidente do Comitê de Tecnologias Limpas da ABStartups e avaliador e mentor de programas de startups como InovAtiva Brasil, 100 Open Startups, e Prêmio Finep de Inovação. Atualmente é vice-presidente de Energia e Sustentabilidade de MIT Technology Review Brasil, CEO do Energy Summit e coordenador metodológico do ranking “100 Startups to Watch”.

**Jackson De Toni** é economista, mestre em Planejamento Regional e Urbano (UFRGS) e doutor em Ciência Política (UnB), analista de Produtividade e Inovação da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). Professor de Planejamento e Políticas Públicas na FGV, IBMEC, IESB e Enap.

**João Paulo Pieroni** é graduado em Economia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestre em Economia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Economista e Superintendente de Desenvolvimento Produtivo e Inovação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

**José Luis Gordon** é diretor de Desenvolvimento Produtivo, Inovação e Comércio Exterior do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Economista pela Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP); doutor e mestre pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

**Luiz Carlos Bresser-Pereira** é professor emérito da Fundação Getúlio Vargas e editor do *Brazilian Journal of Political Economy*. Foi ministro da Fazenda (1987) e da Administração Federal (1995-1998). Seus últimos livros foram *A construção econômica e política do Brasil* e *Novo desenvolvimentismo: introduzindo uma nova teoria econômica e economia política*.

**Luiz Gonzaga Belluzzo** é formado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e possui destacada atuação como economista e sociólogo. Conhecido também por sua paixão pelo futebol, foi presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras no biênio 2009-2010. Belluzzo teve uma trajetória de colaboração com importantes figuras políticas brasileiras, como José Sarney, Orestes Quécia e Luiz Inácio Lula da Silva. Seu vasto conhecimento teórico e prático o levou a ocupar diversos cargos de relevância. Ele foi membro do Conselho Diretor da Fundação de Sociologia e Política de São Paulo, professor titular de economia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), de 1969 a 2001, e um dos fundadores das Faculdades de Campinas (Facamp). Além disso,

presidiu o Conselho Deliberativo do Instituto de Pesquisas e Projetos Sociais e Tecnológicos (IPSO), foi conselheiro de administração da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) e atuou como consultor editorial da revista *Carta Capital*. Em reconhecimento ao seu trabalho, Belluzzo recebeu o Prêmio Intelectual do Ano Juca Pato em 2005. No mesmo ano, foi incluído no “Biographical Dictionary of Dissenting Economists” como um dos 100 maiores economistas heterodoxos do século XX. Sua carreira é marcada por uma combinação de excelência acadêmica, influência política e paixão esportiva, destacando-se como uma figura multifacetada e influente no cenário brasileiro.

**Mario Bernardini** é empresário e diretor da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (*Abimaq*).

**Milene Simone Tessarin** é pesquisadora da Universidade de Utrecht (Holanda). É doutora em Economia pela FEA-USP. Também é pesquisadora associada ao Nereus-USP e ao SARChI in Industrial Development da Universidade de Joanesburgo.

**Paulo César Morceiro** é pesquisador da Universidade de Utrecht (Holanda). É doutor em Economia pela FEA-USP. Também é pesquisador associado ao Nereus-USP e ao SARChI in Industrial Development da Universidade de Joanesburgo.

**Pedro Cezar Dutra Fonseca** é professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do CNPq.

**Rafael Dubeux** é o atual secretário-executivo adjunto do Ministério da Fazenda. Doutor em Relações Internacionais pela UnB, com tese sobre inovação em energia de baixo carbono, possui mestrado no mesmo programa e graduação em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi pesquisador visitante na UC Berkeley e participa do grupo de pesquisa da UnB sobre Sistema Internacional no Antropoceno e Mudança Global do Clima. Integrante da carreira de Advogado da União desde 2005, ocupou diversos cargos na Administração Pública, incluindo secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação da Prefeitura do Recife e chefe da Assessoria Especial do Ministro da Fazenda. É autor dos livros *Desenvolvimento e mudança climática* e *Inovação no Brasil e na Coreia do Sul*, e coautor de *Marco Legal de ciência, tecnologia e inovação no Brasil*.

**Sérgio Roberto Knorr Velho (org.)** é doutorando em Sistemas Mecatrônicos pela Universidade de Brasília, com formações em Ciências Contábeis e Engenharia Química, e vasta experiência industrial, atua em temas como inovação e desenvolvimento de produto, além de recente trajetória no Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

**Tatiana Farah de Mello Cauville**, MSc pela London School of Economics and Political Sciences, é bacharel em relações internacionais e especialista em inteligência competitiva e desenvolvimento de negócios. Atua na CNI como agente de internacionalização e inovação. Seu artigo foi escrito com a colaboração de Rafael Grilli Felizardo e Flávia Pimentel.

**Verena Hitner Barros** é doutora em Estudos do Desenvolvimento (Cendes-UCV) e secretária-executiva do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial.

# Prefácio

A industrialização transformou de maneira decisiva a economia e a sociedade brasileiras. Entre 1930 e 1980, quando a indústria se expandiu sistematicamente, o Brasil foi uma das nações que mais cresceu no mundo, com a indústria sendo um dos principais vetores dinamizadores do crescimento. A população brasileira passou a se concentrar em áreas urbanas, a expectativa de vida e o nível educacional dos cidadãos aumentaram, a renda nacional se elevou e o país adensou suas cadeias produtivas em setores como aço, e bens acabados, como automóveis e eletrodomésticos. Uma indústria forte, portanto, beneficiou a sociedade brasileira no avanço em sua trajetória de desenvolvimento econômico.

Entre os países em desenvolvimento, poucos tinham um parque industrial tão diversificado e sofisticado quanto o Brasil. Em sua visita ao país, no contexto do aprofundamento das relações sino-brasileiras, que culminou em sua elevação ao *status* de parceria estratégica, em 1988, no governo do presidente José Sarney, autoridades chinesas expressaram surpresa com a qualidade e eficiência das indústrias do Brasil.

A partir de meados dos anos 1980, contudo, quando a política industrial deixou de ser um instrumento relevante para a promoção do desenvolvimento econômico, o país passou a enfrentar um processo de derrocada de sua produtividade, justamente quando o mundo passava pela chamada Terceira Revolução Industrial, resultando na queda da participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB), fenômeno que se manifestou de forma semelhante entre seus vizinhos. De um lado, a América Latina, com sua estratégia de substituição de importações, perdeu espaço para a Ásia, que nunca abandonou políticas industriais, adotando políticas de substituição de importações e, simultaneamente, uma orientação exportadora. Consequentemente, os países

latino-americanos se tornaram grandes fornecedores de matérias-primas, e vários antigos empregos industriais foram deslocados para o setor de serviços.

Um número crescente de economistas reconhece que a precocidade e a intensidade da desindustrialização brasileira acarretam diversos problemas, como o baixo e instável crescimento econômico e a estagnação da renda em um patamar que não garante padrões de vida dignos para a maioria da população. Uma “reindustrialização” do país, no entanto, é questionável, não só pelas evidências empíricas que apontam em sentido contrário, mas também pelo fato de que o Brasil e mundo não são mais os mesmos dos “anos dourados” de crescimento do país.

Ao contrário do que por vezes se supõe, todas as grandes economias do mundo adotam políticas industriais com uma ampla gama de instrumentos, como crédito, subsídios, tarifas, utilização do poder de compra do Estado e regulação. Mais recentemente, após a eclosão da pandemia da Covid-19, que evidenciou a fragilidade de setores estratégicos, como saúde, fertilizantes, combustíveis e semicondutores, a dependência de um número reduzido de fornecedores se tornou assunto de soberania nacional. O Fundo Monetário Internacional, nesse sentido, em seu artigo “*The Return of Industrial Policy in Data*”, mapeou nada menos que 2 580 instrumentos de apoio à política industrial pelo mundo, com Estados Unidos, União Europeia e China respondendo por 48% do total. Fazer política industrial, portanto, não é questão de “sim ou não”, mas de “como”.

A pergunta que o presente livro formula e busca responder, nesse contexto, é: qual deve ser a estratégia de atuação do Estado brasileiro para impulsionar a indústria nacional? E a resposta está no título deste cuidadoso trabalho, que reúne as reflexões de alguns dos mais renomados economistas brasileiros: o país necessita de uma “neoindustrialização”, um projeto nacional de desenvolvimento que coloca em seu centro o fortalecimento da indústria brasileira em novas bases: mais inovadora e digital, mais verde, mais exportadora e mais produtiva, tendo como eixo o bem-estar das pessoas.

Em um país democrático e com grande diversidade regional, a “neoindustrialização” requer diálogo entre governo, empresários, trabalhadores, universidades, institutos tecnológicos e entidades representativas do setor produtivo. Seja para fixar prioridades ou fazer ajustes nos instrumentos para fortalecer a indústria, é necessário um espaço para construir consensos. Por essa razão, uma das prioridades do governo federal, após recriar o ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, em 2023, foi restabelecer, depois de sete anos desativado, o Conselho Nacional de Desenvolvimento

Industrial (CNDI), reunindo, de maneira paritária, representantes do governo federal e do setor produtivo.

Lançado pelo presidente Lula na 18ª reunião do CNDI, em 22 de janeiro de 2024, a Nova Indústria Brasil (NIB) corresponde ao primeiro passo nesse esforço em prol da neointustrialização brasileira. Um plano de dez anos, do qual uma das bases é o Plano Mais Produção, que se inicia com um piso de recursos de R\$ 300 bilhões para 2024-2026, dialogando com diversas políticas, como o Novo PAC, maior programa de investimentos da história brasileira, com uma carteira de projetos de R\$ 1,7 trilhão, e se organiza em seis missões: garantir a segurança alimentar, fortalecendo cadeias agroindustriais; desenvolver o complexo da saúde; construir infraestruturas sustentáveis; promover a transformação digital da indústria; fomentar a descarbonização e a bioeconomia; e garantir a soberania nacional, com uma base industrial de defesa sólida.

Ao investigar os erros e acertos para fortalecer a indústria nacional e refletir sobre condicionantes micro e macroeconômicas que merecem atenção do governo para que a política industrial logre êxito, este livro oferece uma sólida contribuição para o debate público. Como o leitor poderá observar, muitos de seus autores contribuíram direta ou indiretamente para o projeto de “neointustrialização” em curso no Brasil, em uma demonstração clara de que por meio da discussão qualificada, baseada em evidências, reunindo boas práticas, congregando setor produtivo, trabalhadores e academia, será possível recuperar o merecido lugar de destaque da indústria brasileira na economia, criando mais oportunidades para esta e as futuras gerações. Boa leitura.

*Geraldo Alckmin*  
Brasília, março de 2024

# Introdução

No final de junho de 2022 surgiu o coletivo Reindustrialização em um aplicativo de mensagem, como resultado da união de diversos amigos e conhecidos. Este grupo foi formado nas dependências dos edifícios da Esplanada dos Ministérios, como tantos outros, mas se destacou por abraçar um conjunto comum de preocupações: elevar o nível do debate presidencial, que naquela época estava em andamento, para abordar uma questão crucial para o Brasil – a reindustrialização de seu setor produtivo.

Com rapidez, um círculo de indivíduos afinados com essa causa se formou, unindo economistas, engenheiros, professores, gestores e servidores públicos. Todos compartilhavam o mesmo desejo de aprofundar a discussão em torno desse tema vital para a nação. A motivação nasceu da inquietação sobre como um novo governo poderia lidar com a acelerada desindustrialização que o Brasil vinha enfrentando. O grupo também nutria o sonho de revitalizar um desenvolvimento industrial robusto, crucial para o progresso econômico e social do país, inspirado nos grandes desenvolvimentistas que o país já teve, como Celso Furtado.

O objetivo inicial foi promover uma série de debates sobre o tema e suas diversas nuances que fosse compartilhada via plataforma na internet e garantida por uma instituição “neutra” e sem vieses, no que chegamos ao apoio da professora Daniela Freddo, então coordenadora do curso de graduação em Economia da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas (Face) da Universidade de Brasília (UnB), que concordou em ajudar o coletivo disponibilizando a estrutura de debates da UnB por meio da UnBTV, e do engenheiro de produção Artur Santana Guedes Vanderlinde, que contribuiu para a organização dos debates e mediação entre as partes interessadas. A direção da Face também ajudou nessa empreitada com o apoio

do prof. Roberto de Goés Ellery Júnior, chefe do Departamento de Economia da Face.

Ganhamos ainda o importante apoio de diversas entidades e associações dos servidores públicos, intermediadas em sua maioria pelo Márcio Gimenez e pelo Rafael Ramos Codeço, entre as quais: Associação Nacional dos Servidores de Comércio Exterior (Aace), Associação Nacional dos Servidores da Carreira de Planejamento e Orçamento (Assecor), Associação Nacional dos Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental (Anesp), Associação dos Servidores do Ipea e Sindicato Nacional dos Servidores do Ipea (Afipea), Associação Nacional dos Servidores de Ciência e Tecnologia (ASCT), Sindicato Nacional dos Servidores Públicos Federais da Carreira de Gestão, Planejamento e Infraestrutura em Ciência e Tecnologia (SINDGCT) e União das Carreiras de Finanças e Controle (Unacon Sindical). Isso ajudou muito a disseminar o debate ao redor do tema tão importante.

Assim os debates foram organizados, contando com o apoio do jornalista Cristiano Romero (Valor), da jornalista Adriana Fernandes (Estadão) e do jornalista Fausto Oliveira para mediá-los, e da UnBTV, que disponibilizou suporte técnico durante as transmissões no YouTube. Esses debates estão disponíveis no seguinte sítio da internet:



No total foram realizados oito debates, com início em setembro de 2022 e término em fevereiro de 2024, transmitidos na seguinte ordem:

- 2 de setembro de 2022 – Profa. Fionna Tregenna da Universidade de Johannesburgo (África do Sul) e o prof. Luiz Carlos Bresser-Pereira (FGV São Paulo).
- 16 de setembro de 2022 – Prof. Júlio Sérgio Gomes de Almeida (IE-Unicamp e diretor do Iedi) e o Bernard Appy (Centro de Cidadania Fiscal).
- 23 de setembro de 2022 – Prof. Carlos Henrique de Brito Cruz (Unicamp) e prof. Paulo Gala (FGV São Paulo).
- 30 de setembro de 2022 – Prof. Roberto Mangabeira Unger (Harvard) e prof. Dani Rodrik (Harvard).
- 28 de outubro de 2022 – Mario Bernardini (Abimaq) e Renato Corona Fernandes (Fiesp).

- 16 de dezembro de 2022 – Prof. Luiz Gonzaga Belluzzo (Unicamp) e prof. José Luiz Pagnussat (Enap).
- 14 de abril de 2023 – Prof. Alejandro Frank (UFRGS), prof. Antonio Carlos Diegues (Unicamp) e Mario Bernardini (Abimaq).
- 5 de fevereiro de 2024 – Prof. André Nassif (UFF), prof. João Furtado (USP) e pesquisador Paulo César Morceiro (Universidade de Utrecht – Holanda).

Mas não estávamos satisfeitos apenas com os debates, pois era necessário aprofundar um pouco mais o tema e somente um livro poderia aplacar nossa curiosidade e vontade de debater a neindustrialização do país. Assim surgiu esse projeto de trazer ao grande público algumas ideias de debatedores ou pessoas próximas que esclarecessem alguns aspectos importantes.

O capítulo que inaugura este livro dos professores Paulo César Morceiro e Milene Simone Tessarin proporciona uma análise detalhada e rica em dados sobre o fenômeno da desindustrialização não apenas no Brasil, mas também em uma perspectiva internacional comparada. Num contexto em que o setor de serviços ganha ascendência sobre o setor industrial globalmente, é crucial entender como essa transformação estrutural afeta diferentes países. Ao longo de cinco décadas, o capítulo examina a evolução da participação da indústria no PIB de trinta nações, abrangendo cerca de 90% do parque industrial mundial. Utilizando tanto dados a preços correntes quanto a preços constantes, a análise revela nuances importantes sobre a trajetória da desindustrialização em cada país, destacando a severidade e a precocidade desse fenômeno. Por meio de gráficos e análises comparativas, o capítulo não apenas desvela a gravidade da desindustrialização no Brasil, mas também desafia concepções amplamente difundidas sobre esse processo a nível global. Além disso, ao explorar a relação entre a participação da indústria no PIB e a renda *per capita* dos países, o capítulo oferece *insights* valiosos sobre a distinção entre desindustrialização normal e prematura, ilustrando como o contexto econômico e social de cada nação influencia sua trajetória industrial. Com seções dedicadas a avaliar a desindustrialização como um fenômeno mundial, a examinar sua generalização em diferentes países e a elaborar um *ranking* dos mais afetados, este capítulo fornece uma base sólida para a compreensão da dinâmica complexa da desindustrialização no contexto internacional e sua repercussão no desenvolvimento econômico global.

O segundo capítulo, de autoria dos professores Pedro Cezar Dutra Fonseca e Adalmir Antonio Marquetti, mergulha na fascinante trajetória da

industrialização e desindustrialização do Brasil, revelando a intensidade e o êxito desse processo ao longo do século XX. O Brasil, na época predominantemente agrário, viu sua indústria ganhar impulso após 1930, durante o período desenvolvimentista, conhecido como “processo de substituição de importações”. Contudo, a partir da década de 1980, sob a égide do neoliberalismo, testemunhamos uma queda abrupta na participação da indústria no valor agregado bruto (VAB), marcando um período de desindustrialização significativa. Este capítulo examina os principais impulsionadores dessas mudanças estruturais, dividindo-se em três seções distintas: a primeira analisa a industrialização durante o desenvolvimentismo, a segunda explora a desindustrialização no período neoliberal e a terceira oferece reflexões sobre as perspectivas de reindustrialização do Brasil. Ao compreender os fatores que moldaram essas transformações, buscamos não apenas registrar os eventos históricos, mas também lançar luz sobre as causas subjacentes que impulsionaram essas mudanças econômicas fundamentais.

O terceiro capítulo, dos professores Jackson De Toni e Verena Hitner Barros, explora profundamente as complexidades e desafios enfrentados pelo setor industrial do país nos últimos anos. Desde o fechamento de milhares de indústrias e a perda significativa de postos de trabalho até a transformação digital e a ascensão da Indústria 4.0, o cenário industrial brasileiro é analisado minuciosamente. Com exemplos concretos de empresas que encerraram suas operações no país e a migração de trabalhadores qualificados para setores menos especializados, o capítulo revela as consequências da desindustrialização e ressalta a grande importância da indústria para a economia nacional. Embora o Brasil tenha avançado em políticas industriais e investimentos em pesquisa e desenvolvimento, a síndrome da “Rainha Vermelha” – a necessidade de correr apenas para permanecer no mesmo lugar – permanece como um desafio constante. O capítulo se desdobra em seis seções distintas, explorando desde as políticas industriais dos governos anteriores até a política de neoindustrialização anunciada recentemente, fornecendo uma análise abrangente e perspicaz do panorama industrial brasileiro e suas perspectivas futuras.

No quarto capítulo deste livro o professor Luiz Gonzaga Belluzzo traz reflexões profundas sobre a indústria e o processo de reindustrialização. Iniciando com um debate provocativo entre economistas, Belluzzo destaca a importância histórica da Revolução Industrial e sua influência na transformação da sociedade, bem como a necessidade de compreender a indústria não apenas como um conjunto de fábricas, mas um modo de produção disseminado por todos os setores da economia. Ao longo do capítulo, o autor explora a

evolução da indústria desde o século XIX até os dias atuais, abordando temas como a Segunda Revolução Industrial, as inovações tecnológicas e os desafios enfrentados pelos países em desenvolvimento na busca pela industrialização. Belluzzo ressalta a importância de adaptar-se às transformações tecnológicas e sociais, concluindo com uma reflexão sobre o papel da inteligência humana na reinvenção da vida social diante das novas conquistas tecnológicas.

No quinto capítulo, o professor Luiz Carlos Bresser-Pereira aborda a questão crucial da administração da taxa de câmbio para impulsionar o crescimento econômico. Bresser-Pereira contextualiza a crise econômica e política enfrentada pelo Brasil desde 2014 e destaca a importância de restabelecer a confiança no país para normalizar a economia. Ele argumenta que a apreciação da taxa de câmbio pode levar a uma nova onda de desindustrialização, prejudicando a competitividade da indústria nacional. O autor propõe uma política baseada na Teoria Novo-Desenvolvimentista (TND) como uma solução para evitar esse cenário, oferecendo uma abordagem simplificada para entender essa perspectiva.

No sexto capítulo, o prof. dr. Antonio Carlos Diegues discute a relevância da política industrial e da neoindustrialização brasileira diante das mudanças no paradigma tecnoprodutivo e na competição global. Ele argumenta que as estratégias tradicionais de política industrial, desenvolvidas após a Segunda Guerra Mundial, precisam ser adaptadas ao contexto atual, marcado pela fragmentação da produção, surgimento das Cadeias Globais de Valor (CGV), digitalização e outras transformações. O capítulo propõe elementos para o desenho de políticas industriais mais eficazes, considerando a dinâmica competitiva e de acumulação no cenário atual, visando contornar as limitações impostas pela desindustrialização e pela chamada “doença brasileira”. Diegues destaca a necessidade de uma estratégia de política industrial que reconheça as mudanças na estratégia de concorrência e acumulação do capital industrial brasileiro, que se adaptou a uma lógica diferente do período desenvolvimentista, buscando assim uma coalizão produtivista capaz de impulsionar a neoindustrialização do país.

No sétimo capítulo, o professor Caetano C. R. Penna explora o conceito de políticas de ciência, tecnologia e inovação (CTI) orientadas por missão e sua aplicação no contexto brasileiro, à luz das transformações industriais e sociais internacionais. O capítulo resgata a trajetória histórica das políticas brasileiras nessa área e destaca o Programa Inova, desenvolvido pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), como uma iniciativa recente alinhada com essa

abordagem. Penna propõe lições valiosas para o aperfeiçoamento da agenda de missões do Brasil, enfatizando a necessidade de adaptar os arcabouços conceituais ao contexto nacional e criar uma abordagem genuinamente brasileira que potencialize as capacidades sistêmicas do país para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico. O capítulo está estruturado em diversas seções que abordam desde o panorama das políticas orientadas por missão até a análise da experiência do Programa Inova, culminando em lições para a formulação de uma nova agenda de missões nacional.

O oitavo capítulo, escrito por Celso Pansera e Hudson Mendonça, explora a necessidade de uma nova política industrial no Brasil em meio ao processo de neoindustrialização. Ao destacar a perda de relevância do setor industrial no PIB nacional ao longo das décadas, os autores ressaltam a importância de repensar e modernizar a indústria, enfatizando inovação, sustentabilidade, integração com cadeias globais e interação com o setor de serviços. Esses aspectos são fundamentais para impulsionar o desenvolvimento industrial no país. Além disso, o capítulo destaca a relação entre políticas orientadas por missões, compras públicas de inovação e o papel da Finep nesse contexto, apresentando os instrumentos disponíveis para impulsionar a inovação industrial no Brasil.

O nono capítulo, escrito por Tatiana Farah de Mello Cauville, destaca a importância crucial da ciência, tecnologia e inovação (CT&I) como pilares fundamentais para uma política de (neo)industrialização no Brasil. Diante da redução da participação da indústria no PIB nacional, é urgente implementar um plano de retomada que aproveite o potencial do país em áreas como bioeconomia, descarbonização, sustentabilidade e saúde. Com vastos recursos naturais e vantagens comparativas reconhecidas globalmente, o Brasil tem o potencial de se posicionar como líder global em uma nova indústria baseada em práticas sustentáveis. No entanto, isso requer uma governança eficaz, investimentos estratégicos em inovação e desenvolvimento tecnológico, políticas públicas assertivas e um diálogo contínuo entre governo, setor privado, academia e sociedade. A Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI), liderada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), representa um exemplo desse esforço colaborativo. O capítulo argumenta que a promoção de uma nova industrialização no Brasil depende da intensificação do investimento em inovação e da adoção de um modelo orientado por missões, alinhado aos desafios sociais mais amplos.

No décimo capítulo, Mario Bernardini aborda o contexto histórico que levou à ascensão do neoliberalismo e suas repercussões na indústria brasileira. Com

o surgimento do neoliberalismo a partir das décadas de 1970 e 1980, ideias como a defesa do livre mercado, a desregulamentação e a redução do papel do Estado tornaram-se dominantes, influenciando não apenas a economia global, mas também as políticas adotadas por organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial. A queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética consolidaram essa ideologia, promovendo a demonização do Estado e a glorificação do livre mercado como solução para todos os problemas sociais. Esse cenário, aliado à globalização das cadeias de produção e à busca por mão de obra mais barata, resultou na desindustrialização de países ocidentais, como os Estados Unidos, em favor de regiões como o sudeste asiático, especialmente a China. Bernardini destaca os impactos socioeconômicos e políticos desse processo, evidenciando a urgência de repensar o papel da indústria diante das transformações provocadas pelo neoliberalismo nas últimas décadas.

No décimo primeiro capítulo, os professores André Nassif e Paulo César Morceiro propõem um Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) para o Brasil, centrado na reindustrialização e no avanço econômico e social do país. Os autores destacam a importância do setor manufatureiro como motor estrutural do crescimento econômico, especialmente diante das transformações tecnológicas da Indústria 4.0. Abordando a desindustrialização prematura enfrentada pelo Brasil, o capítulo argumenta a necessidade de uma política industrial sistêmica, integrada a outras políticas públicas, como ciência, tecnologia, educação e macroeconomia. Inspirado na abordagem de Mazzucato sobre políticas orientadas por missões, o PND proposto busca direcionar investimentos, inovação e colaboração entre diversos agentes econômicos para resolver desafios centrais da economia brasileira. As seções subsequentes do capítulo detalham indicadores da desindustrialização, sugerem prioridades e instrumentos para o PND e concluem com uma síntese das propostas apresentadas.

O décimo segundo capítulo, escrito por Cristina Froes de Borja Reis e Rafael Dubeux, apresenta o Plano de Transformação Ecológica proposto pelo governo Lula, que visa redefinir os paradigmas tecnológicos, financeiros, produtivos e culturais do país. Com o objetivo de enfrentar a crise climática e promover um desenvolvimento econômico que reduza as desigualdades, o plano incorpora a descarbonização ratificada no Acordo de Paris e busca alinhar-se com as aspirações democráticas da nação. O capítulo explora o histórico das negociações internacionais sobre o desenvolvimento e a crise climática, desde a década de 1970 até os dias atuais, destacando marcos importantes como a Convenção sobre Mudanças Climáticas e a Agenda 2030. Ao analisar o contexto global e

nacional, os autores ressaltam a necessidade de políticas públicas que promovam a incorporação tecnológica, a sustentabilidade ambiental e a justiça distributiva, visando um desenvolvimento inclusivo e sustentável para o Brasil.

No décimo terceiro capítulo, João Paulo Pieroni e José Luis Gordon destacam a urgência do Brasil em revitalizar sua indústria para impulsionar o crescimento econômico e atender às demandas da sociedade moderna. Com o estabelecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI) para assessorar o governo nesse processo, é ressaltada a importância de políticas industriais direcionadas, alinhadas com a promoção da ciência e da inovação, à luz dos desafios geopolíticos e da necessidade de segurança energética e descarbonização. Inspirado na metodologia de missões de Mariana Mazzucato, o Brasil se junta a outros países na formulação de políticas industriais centradas em desafios nacionais específicos. O BNDES, reconhecendo a indústria como motor da economia, busca se reposicionar como um agente-chave na implementação dessa nova política, priorizando a sustentabilidade e a geração de conhecimento. O capítulo também esboça a estrutura do texto, que aborda desde a desindustrialização até a avaliação dos projetos apoiados, culminando na necessidade de um esforço conjunto para reafirmar a importância da indústria brasileira em uma base inovadora, verde e produtiva.

No último capítulo, escrito e referendado pelos membros do Coletivo Reindustrialização, adentramos a complexidade da neoindustrialização do Brasil, um tema que ganhou destaque após os desdobramentos da pandemia da covid-19. Ao longo da crise, testemunhamos uma dinâmica econômica e geopolítica que expôs as vulnerabilidades das cadeias globais de fornecimento, evidenciando a necessidade de *reshoring* para garantir a resiliência das indústrias. As políticas monetárias e fiscais adotadas pelos governos em resposta à crise desempenharam um papel crucial no cenário econômico, contribuindo tanto para a estabilização quanto para o aumento das pressões inflacionárias. Além disso, as perturbações nas cadeias de abastecimento exacerbaram a escassez de produtos e atrasos na produção, enquanto a persistência da inflação trouxe desafios adicionais para a gestão macroeconômica. Assim, este capítulo explora as interconexões entre os desafios econômicos, políticos e sociais, destacando a necessidade de uma abordagem holística e resiliente para enfrentar os dilemas da neoindustrialização no contexto brasileiro.

Este livro traz em seu conteúdo uma projeção de mundo econômico onde não há consensos, mas uma visão que podemos desenvolver pela indústria o Brasil, cunhando o termo *neoindustrialização brasileira* para diferir do momento histórico e geopolítico que vivemos, no qual a digitalização e a transição

energética são assuntos tão importantes. Não temos dúvidas de que vozes dissonantes se levantarão para propor que o Estado intervenha minimamente por meio dos agentes econômicos em propostas que já foram testadas, que estagnam e não promovem um desenvolvimento do Brasil e de outras nações emergentes. As propostas do Consenso de Washington<sup>1</sup> são o berço dessas ideias; respeitamos essas opiniões, mas temos o desenvolvimento como foco de nossas ações e a equidade de riqueza como princípio.

Este livro fornece informações essenciais para compreender as razões pelas quais algumas nações menos desenvolvidas conseguem progredir e se igualar às nações líderes (*catching up*), enquanto outras ficam para trás (*falling behind*) e não conseguem melhorar seus níveis de produtividade. Realçamos que os textos são de inteira responsabilidade de seus autores, mas estão aqui pois acreditamos que ajudam a promover a *neoindustrialização brasileira*. Desejamos uma boa leitura.

Sérgio Roberto Knorr Velho (org.)  
Prof. Dr. Adalmir Antonio Marquetti  
Dr. Alberto Carlos Lourenço Pereira  
Dr. Alexandre Coelho Teixeira  
Ana Paula Sampaio Volpe  
Prof. Dr. André Nassif  
Artur Santana Guedes Vanderlinde  
Prof. Dr. Edilson Pedro  
Fausto Oliveira  
Felipe Augusto Machado  
Prof. Dr. Jackson De Toni  
Prof. Dr. João Furtado  
Jorge Luís Ferreira Boeira  
Dr. Luís Felipe Giesteira  
Dr. Marconi Edson Esmeraldo Albuquerque  
Ricardo Henrique Padilha de Castro  
Dr. Sérgio Wulff Gobetti

*Coletivo Reindustrialização*  
Brasília, março de 2024

---

1 O Consenso de Washington foi uma recomendação internacional elaborada em 1989, que visava propalar a conduta econômica neoliberal com a intenção de combater as crises e misérias dos países subdesenvolvidos, sobretudo os da América Latina. Sua elaboração ficou a cargo do economista norte-americano John Williamson.

Este livro explora a “neointustrialização” do Brasil, um projeto de desenvolvimento que visa fortalecer a indústria nacional de forma inovadora, digital, verde e produtiva, focado no bem-estar das pessoas. Lançado pelo presidente Lula em 2024, o plano Nova Indústria Brasil (NIB) é um esforço para revitalizar a indústria, promover segurança alimentar, desenvolver o complexo da saúde, construir infraestruturas sustentáveis, promover a transformação digital, fomentar a descarbonização e garantir a soberania nacional. Com contribuições de renomados economistas brasileiros e prefácio do dr. Geraldo Alckmin, ministro e vice-presidente, esta obra oferece uma sólida reflexão sobre as políticas necessárias para o sucesso da indústria nacional.

Boa leitura.

### Autores

Adalmir Antonio Marquetti  
André Nassif  
Antonio Carlos Diegues  
Caetano C. R. Penna  
Celso Pansera  
Cristina Froes de Borja Reis  
Hudson Mendonça  
Jackson De Toni  
João Paulo Pieroni  
José Luis Gordon  
Luiz Carlos Bresser-Pereira  
Luiz Gonzaga Belluzzo  
Mario Bernardini  
Milene Simone Tessarin  
Paulo César Morceiro  
Pedro Cezar Dutra Fonseca  
Rafael Dubeux  
Tatiana Farah de Mello Cauville  
Verena Hitner Barros

### Organizador

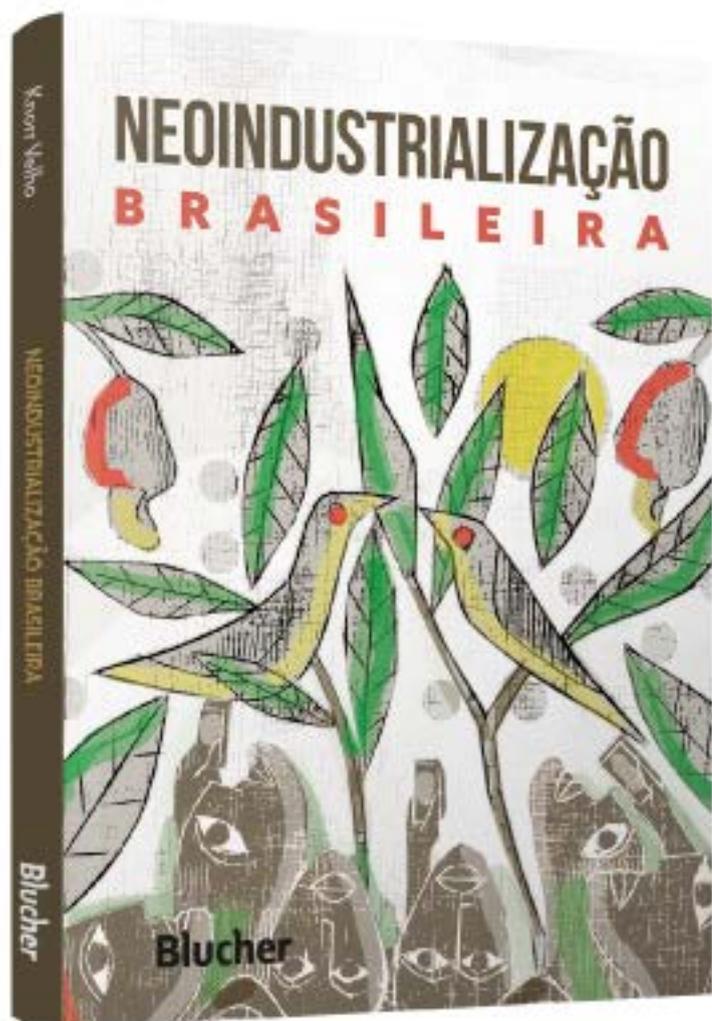
Sérgio Roberto Knorr Velho

### Coletivo Reindustrialização

Alberto Carlos Lourenço Pereira  
Alexandre Coelho Teixeira  
Ana Paula Sampaio Volpe  
Artur Santana Guedes Vanderlinde  
Edilson Pedro  
Fausto Oliveira  
Felipe Augusto Machado  
João Furtado  
Jorge Luís Ferreira Boeira  
Luís Felipe Giesteira  
Marconi Edson Esmeraldo Albuquerque  
Ricardo Henrique Padilha de Castro  
Sérgio Wulff Gobetti



# Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Neoindustrialização brasileira

---

Sérgio Roberto Knorr Velho (Org.)

ISBN: 9788521222903

Páginas: 352

Formato: 16 x 23 cm

Ano de Publicação: 2024

---